

RELATO DE EXPERIÊNCIA: LIBRAS E LÍNGUA PORTUGUESA – CONSOLIDANDO APRENDIZADOS

Fernanda Cristina de Campos ¹
Bianca Camile Cela Pereira ²
Maria Cecília Venâncio de Barros Rosa ³

RESUMO

Este trabalho relata a experiência de pibidianos do curso de Letras-Língua Portuguesa com domínio em Libras pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), do subprojeto de Libras do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), na realização de uma oficina de Libras para o Ensino Fundamental I, aplicada no Colégio de Aplicação da Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia - Eseba/UFU. O referencial teórico-metodológico utilizado foi a interação dialógica desenvolvida por Paulo Freire e os estudos sobre multiletramentos organizados por Courtney Cazden et al. (2021). Em cada etapa das atividades, procurou-se o envolvimento dialógico entre os ministrantes e estudantes, promovendo trocas de conhecimento sobre a Língua Brasileira de Sinais e os conhecimentos linguísticos que envolviam variações linguísticas referentes à Língua Portuguesa. Para além dos conhecimentos linguísticos oportunizados sobre as duas línguas, houve discussões sobre aspectos relevantes da comunidade surda como identidade, relevância social da identificação de pessoas por sinais e legislação que envolve o reconhecimento da Libras como uma língua oficial do país. Ao longo do debate, para surpresa dos pibidianos, muitas questões levantadas pelas crianças revelaram que estas detinham conhecimentos prévios sobre a Libras. Este fato suscitou um dos resultados relevantes: a importância de se trabalhar com a noção prévia dos alunos sobre a língua e a comunidade surda. Ademais, foram compartilhados os sinais identificadores de cada pibidiano ministrante usando como suporte a língua portuguesa, além do uso de técnicas interativas como vídeos, a prática conjunta de datilologia e a aplicação de um jogo de memória bilíngue.

Palavras-chave: Língua Brasileira de Sinais; Língua Portuguesa; Interação-dialógica; Multiletramentos.

¹Doutora em Estudos Literários em 2018 pela Universidade Federal de Uberlândia - UFU, fernanda.campos@ufu.br;

² Graduanda do terceiro período do Curso de Letras-Língua Portuguesa com domínio de Libras da Universidade Federal de Uberlândia - UFU, bianca.cela@ufu.br

³ Graduanda do terceiro período Curso de Letras-Língua Portuguesa com domínio de Libras da Universidade Federal de Uberlândia - UFU, maria.rosa5@ufu.br



INTRODUÇÃO

Tenho o privilégio de não saber quase tudo.
E isso explica
o resto.
Manoel de Barros

O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) é um projeto político de âmbito nacional que almeja, desde os primeiros períodos da graduação, oportunizar aos graduandos de licenciatura uma atuação genuína em escolas públicas do ensino básico por meio de práticas pedagógicas desenvolvidas no ambiente escolar de escolas públicas. Estar em sala de aula proporciona uma aproximação entre teoria e prática, oferecendo aos pibidianos vivências como aplicação de atividades, criação e montagem de materiais, atendimentos diretos e indiretos a estudantes e familiares, dentre outras ações. Além disso, amplia o contato com outros docentes e profissionais da comunidade escolar, contribuindo para o fortalecimento de uma bagagem profissional calcada na interdisciplinaridade.

O subprojeto de Letras Língua Brasileira de Sinais - Libras que atua no Colégio de Aplicação da Escola Básica da Universidade Federal de Uberlândia (Eseba/UFU) é formado por oito graduandos e a supervisora, docente de Língua Portuguesa. A Eseba/UFU é uma escola ligada aos objetivos da Universidade Federal de Uberlândia no que diz respeito à promoção de uma educação laica, gratuita e de qualidade, baseada no ensino, na pesquisa, na extensão e na gestão. Ademais, é uma instituição envolvida com a inclusão, por isso sua política de ingresso é composta por cotas – raciais, socioeconômicas e para pessoas com deficiência. Assim, todo ano são sorteadas sessenta vagas para o ingresso no primeiro período da educação infantil e, destas vagas, trinta são destinadas a estudantes cotistas (divididos em critérios de renda, étnico-raciais e PCD - pessoas com deficiência). Com saldos positivos para a instituição, as cotas vêm moldando a escola ao passo que impõem diversidade em seus cenários.

Quanto à formação, as políticas de inclusão exigem do corpo docente e dos demais profissionais da educação formações contínuas relacionadas ao uso de metodologias inclusivas propiciadoras de ambientes acolhedores e motivadas por práticas colaborativas que valorizam as diferenças humanas. Nesse sentido, a Eseba/UFU tem construído o seu Projeto Político Pedagógico tendo como base princípios curriculares que favorecem as múltiplas



Vale dizer que, de modo persistente, a Eseba/UFU vive inserida em uma luta político-pedagógica para que a diversidade e as peculiaridades inerentes ao processo de aprendizagem de uma educação inclusiva, em conformidade com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9394/1996, LDB, Cap. V, Art. 5816 e Decreto 7.611, de 11 de novembro de 2011), sejam alcançadas. Daí a relevância do Subprojeto Letras Língua Brasileira de Sinais - Libras atuando na Eseba/UFU, com o objetivo de oportunizar conhecimento sobre aspectos das culturas e identidades da comunidade surda por meio de práticas pedagógicas relacionadas à Libras e à literatura para os surdos e ouvintes.

Na Eseba/UFU não há uma disciplina obrigatória ou optativa de Libras, portanto, o subprojeto de Libras entra justamente para agregar conhecimento à grade curricular dos estudantes e dos docentes com a realização de oficinas, materiais didáticos, dinâmicas, dentre outras práticas, com o objetivo de incluir a Língua de Sinais Brasileira no contexto escolar. Nessa esteira, este relato objetiva descrever as etapas da Oficina intitulada **Relato de experiência: Libras e Língua Portuguesa – consolidando aprendizados**.

Muitas foram as trocas de experiências e os desafios enfrentados ao longo da organização de cada etapa da oficina como também foram relevantes para a formação dos pibidianos as avaliações e autoavaliações ao longo dos procedimentos até o momento final. Como pressupostos teóricos, foram utilizados o referencial teórico de Paulo Freire (2015) com o foco na interação dialógica e os estudos sobre multiletramentos organizados por Courtney Cadzen et al. (2021), objetivando aplicar as linguagens multissemióticas durante troca de conhecimento.

A oficina foi organizada a partir das seguintes temáticas: “O que é a Libras?”, “Variação linguística na Libras”, “Identidade surda” e “Legislação sobre a língua”, as quais foram explicadas com suporte multissemióticos, como slides e vídeos. Ressalta-se que foi fundamental pensar em dinâmicas interativas ao propor um estudo do alfabeto manual de Libras uma vez que o público alvo eram estudantes do Ensino Fundamental 1 – crianças de dez a onze anos. Desse modo, foi criado um jogo associativo de memória bilingue, o que proporcionou ludicidade no processo de ensino-aprendizagem. Em suma, as etapas da oficina



foram marcadas pela interação dialógica contínua promovida pelo debate e pelo jogo da memória.

METODOLOGIA

A premissa que moveu este trabalho foi a interação dialógica entre todos os envolvidos: supervisora, pibidianos e discentes. Assim, todos contribuíram com conhecimentos relevantes para organização e aplicação das atividades. A realização da oficina foi precedida por inúmeras reuniões de planejamento, as quais foram movidas por discussões sobre as temáticas levantadas acerca da Libras e das variedades linguísticas da Língua Portuguesa, o que resultou na construção da sequência didática que será explanada neste trabalho.

Para melhor logística de tempo e espaço, a oficina foi oferecida no contraturno, período vespertino com duração de aproximadamente 1 hora e meia, e o público alvo foram os estudantes 4º e 5º ano do Ensino Fundamental I. O evento contou com a presença de 22 estudantes. Para que o sucesso fosse alcançado em todos os níveis das atividades, houve divulgação ampla e inscrições, via formulário, o que possibilitou um número significativo de participantes.

Esta oficina foi a primeira atividade realizada pelos pibidianos tendo o envolvimento direto com os estudantes. Por isso, além do compromisso com o conteúdo a ser ministrado, procuramos sublinhar em cada ação pensada a responsabilidade ética no exercício das tarefas organizadas no subprojeto Letras/Libras. Partindo do pensamento freireano, buscamos valorizar em cada procedimento metodológico tanto o rigor científico quanto o rigor ético, pois buscamos assumir uma formação fundada na ciência e na ética, como bem afirmou Freire (2018):

o preparo científico do professor e da professora deve coincidir com a sua retidão ética. É uma lástima qualquer descompasso entre aquela e esta. Formação científica, correção ética, respeito aos outros, coerência, capacidade de viver e de aprender com o diferente, não permitir que o nosso mal-estar pessoal ou a nossa antipatia com relação ao outro nos façam acusá-lo do que não fez são obrigações a cujo cumprimento devemos humilde, mas perseverantemente, nos dedicar (Freire, 2018, p.18).





Assim, tendo como base a ética associada ao conhecimento científico, incumbimo-nos de promover atividades pautadas na interação dialógica, privilegiando a curiosidade epistemológica do educando, a fim de alcançar a construção de criticidade, segundo Paulo

Freire (2018). Para isso, o caminho escolhido para introduzir os conhecimentos da Libras foi o da comparação entre a língua materna dos estudantes, que no caso é a Língua Portuguesa, e a língua de sinais. Nesta esteira, por meio do diálogo, privilegiou-se a curiosidade dos participantes, partindo dos conhecimentos prévios colhidos em cada etapa do processo de ensino-aprendizagem, como será discorrido.

No primeiro momento houve o acolhimento dos estudantes e apresentação dos pibidianos e dos alunos – embora muitas crianças já haviam tido contato com os pibidianos na escola. Almejamos proporcionar um ambiente bem agradável para que todos se sentissem à vontade ao longo da oficina.

Em seguida, iniciou-se a explanação da primeira parte da atividade com a introdução do conceito sobre língua e suas variedades linguísticas. Por meio de slides⁴ e com o objetivo de desenvolver e aperfeiçoar os saberes acerca da Língua Brasileira de Sinais, foi abordado o primeiro conteúdo: a variação linguística comparada à Língua Portuguesa com foco na identidade surda e seus termos referentes. Enfatizou-se a relevância da língua na formação da identidade de um indivíduo e de seu grupo social. Ao longo da explanação, com bastantes exemplos de vivências dos estudantes e de seus familiares, foi demonstrado que o modo como um cidadão se comunica é capaz de revelar informações importantes de sua história, cultura e saberes.

Depois de explorada as variedades linguísticas presentes nas línguas, explanou-se sobre a legislação brasileira que reconhece a Libras como língua oficial do país, discorrendo aspectos da história da comunidade surda, dos percursos de aprendizados da Libras nas escolas públicas e da necessidade da efetivação da língua de sinais em locais públicos como

⁴ Segue o link dos slides para consulta: <https://www.canva.com/design/DAGvlZu3Pc0/NFbKsXtOVYUvCcJY-J4EVA/edit>



hospitais, delegacia e espaços de lazer. Sem subestimar o público formado por crianças de dez e onze anos, as trocas de conhecimentos se impunham ao longo do debate. Isso porque o objetivo não foi o de transmitir apenas os conhecimentos, mas conduzir os estudantes a uma reflexão do conteúdo explanado como sujeitos críticos durante o processo de ensino-aprendizagem. Para isso, foi necessário colher os conhecimentos prévios dos alunos sobre a língua de sinais e trazê-los para o debate. Almejamos fazer com que os estudantes refletissem das barreiras que uma pessoa

surda pode enfrentar se a lei que reconhece a Libras não fosse acatada em vários setores da sociedade.

Ao longo da explanação sobre as particularidades da Libras, houve a necessidade de desmistificar a ideia de que a Libras é uma língua universal. Para melhor condução do conhecimento, houve o “desmembramento” da sigla para enfatizar cada parte: “LI”, “BRA” e “S”. Foi explicado que as primeiras partes da sigla se referem à palavra “língua”, as do meio são referentes a “Brasil” – o que justifica a não universalidade – e a letra final referente à “sinais”. Foi demonstrado a importância léxica de cada significado, ficando claro que Libras não é um substantivo no plural, evitando o equívoco de se referir a língua como “as Libras”. Portanto, a partir de exposições, os estudantes obtiveram a compreensão de que a Libras é uma língua visual-gestual, ao passo que o instrumento são as mãos e os olhos. Assim, a pessoa surda tem sua compreensão linguística pela visão e não pela audição como as pessoas ouvintes.

Em seguida foi introduzido o tópico da variação linguística como prova de que a língua de sinais não é universal, isto é, não se trata de uma língua padrão que pode ser utilizada no Brasil e no exterior. Nem se trata de uma língua que não possui suas variedades espalhadas pelos estados brasileiros. A partir dos conhecimentos prévios dos estudantes sobre as variedades linguísticas da Língua Portuguesa, como as diferenças regionais que são marcadas pelos sotaques e pelos vocábulos, foi demonstrada a variação regional que está presente na língua de sinais. Exemplos de variações históricas, como os sinais de “índígena”, “computador” e “telefone” e as variações geográficas, como os sinais de “férias”, “verde” e “branco” em diferentes estados brasileiros. Para isso foram utilizadas ferramentas visuais como slides e vídeos para exemplificar as variações linguísticas da Libras, assim como, a língua de sinais adotada em vários países.





No terceiro momento da oficina foram levantadas questões específicas sobre a identidade surda e a inclusão. Foram destacados os desafios existentes para o reconhecimento do sujeito surdo como sujeito cultural. Discutimos sobre os desafios de compreender a surdez além dos estigmas da deficiência. Nessa esteira, foram levantadas discussões sobre o preconceito que vitimiza o surdo, dificultando-o numa interação genuína com a sua cultura e da cultura ouvinte. Assim, durante estas reflexões foi esclarecido o porquê de usar o termo “surdo” ao invés de “deficiente auditivo”, visto que os surdos não se veem como portadores de uma deficiência. Além disso, foi discutido sobre o reconhecimento cultural e linguístico dos surdos.

Ainda falando sobre identidade surda, destacou-se a relevância do sinal pessoal dentro da comunidade surda e como funciona o batismo. Foi explicado que o sinal pessoal é um nome visual dado por um surdo a alguém – surda ou não e que este batismo, ato de nomear uma pessoa visualmente, só pode ser feito por uma pessoa surda. Esta informação chamou a atenção dos alunos que queriam também receber um sinal. Porém, foi ressaltado que o sinal deve partir da pessoa surda e não do desejo do ouvinte em recebê-lo. Também foi esclarecido que o nome visual dado pelo surdo é pensado a partir das características físicas ou da personalidade.

Ao final deste momento, cada pibidiano sinalizou seus nomes visuais para exemplificar esse conceito, explicando aos alunos a característica escolhida pela pessoa surda para criar seus respectivos sinais pessoais. Mais uma vez foi enfatizado que somente uma pessoa surda conhecida pode criar sinais pessoais, quando, justamente por isso, alguns dos pibidianos se apresentavam sem um sinal.

Na sequência, a Associação dos Surdos e Mudos de Uberlândia (ASUL) foi apresentada aos estudantes. Esta instituição atua na defesa dos direitos dos surdos, acolhendo, orientando e lutando pela inclusão, respeito e visibilidade do surdo. A associação também promove a formação de pessoas ouvintes e surdas para eliminar as barreiras de comunicação. Sendo realizado por meio de cursos, capacitações e ações educativas, com o foco na Libras. Neste momento, muitas crianças se mostraram interessadas pelo curso de iniciação à Libras.

Mais uma vez, com o intuito de oportunizar mais aprendizados e consolidá-los, discorremos sobre a legislação que envolve a oficialização da Libras e o Decreto de nº 5.626/2005 que regulamentou o uso da Libras para surdos em escolas e áreas da saúde.



Destacou-se a importância da Lei nº 10.436/2002 e do artigo 18 da Lei 10.098/2000, que preveem a acessibilidade como um direito humano, encerrando assim, com muito diálogo, a explanação teórica da oficina.

Caminhando para o momento prático das atividades, foram passados slides com cada letra do alfabeto em Libras, os quais continham a imagem do sinal e sua correspondência na Língua Portuguesa. As letras eram divulgadas uma a uma enquanto os pibidianos exibiam a sinalização para os participantes. Esta ação se repetiu mais de uma vez com objetivo de gerar memorização gestual das letras. Quando se deu a assimilação dos gestos pelos estudantes, estes foram convidados para fazer a datilologia do seu nome. A maioria dos estudantes aceitou o desafio e procurou produzir gestualmente seu nome.

Este foi um momento muito especial, uma vez que ficou demonstrada uma genuína interação entre os estudantes e os pibidianos, além de revelar que os objetivos das práticas haviam sido alcançados.

Com a intenção de uma melhor fixação do conteúdo, foi desenvolvido e proposto um jogo da memória bilíngue com o alfabeto manual. Algumas cartas tinham imagens dos sinais e outras a escrita das letras em português. O objetivo do jogo era parear a letras do alfabeto em Libras com as letras do alfabeto em Português, incentivando o engajamento dos alunos no aprendizado do alfabeto manual e datilologia do próprio nome. Vale ressaltar que este jogo foi produzido pelos pibidianos.

Para a realização da dinâmica, os estudantes foram divididos em grupos de quatro a cinco componentes e para cada grupo um pibidiano ficou responsável para moderar as ações. A euforia promovida pelo brincar contagiou os grupos e o resultado foi portentoso, pois os estudantes foram motivados pela ludicidade ao exporem os conhecimentos aprendidos ao longo dos debates.

Ao final do momento lúdico, na última etapa da oficina, infográficos produzidos pelos pibidianos foram entregues aos estudantes. O conteúdo deste material resumia as principais informações compartilhadas ao longo da oficina. Para o fechamento desta etapa os estudantes foram convidados para fazerem uma leitura coletiva, encerrando assim o evento. Este material produzido pelos pibidianos além de promover o fechamento das atividades, tornou-se mais uma fonte de pesquisa sobre a Libras para os estudantes do Ensino Fundamental. A professora supervisora pediu às crianças colassem o infográfico no caderno de Língua Portuguesa, pois



REFERENCIAL TEÓRICO

É fundamental reconhecer o papel da escola como um espaço que potencializa o diálogo multicultural, indo além da cultura valorizada e dominante. Conforme a visão de Rojo (2009), a instituição deve acolher as culturas locais, populares e de massa, transformando-as em diálogos, objetos de estudo e de crítica. Nesse contexto, a inclusão da Língua Brasileira de Sinais (Libras) torna-se essencial, pois contribui para a superação das barreiras de comunicação,

a falta de profissionais e recursos inadequados que limitam o aprendizado dos estudantes surdos, e também, no combate do preconceito acerca da comunidade surda.

Dessa forma, para promover essa inclusão e ampliar as oportunidades de aprendizado, a oficina **Relato de experiência: Libras e Língua Portuguesa – consolidando aprendizados** teve como embasamento teórico os conhecimentos de multissemióse, proposto por Courtney Cazden et al. (2021). Essa abordagem considera a combinação de diferentes sistemas semióticos, como a linguagem verbal e a não verbal, em uma mesma produção. Nesse sentido, durante toda a oficina foram utilizadas ferramentas que facilitaram a interação entre fala, imagem e texto, incorporando recursos visuais que auxiliam no processamento do conteúdo e promovendo uma experiência de aprendizado mais acessível e completa.

Ainda conforme proposto por Cazden et al. (2021), os multiletramentos proporcionam novas relações e experiências entre indivíduos e textos transmissores de culturas. A compreensão de seu uso em ambientes escolares é de suma importância, pois permite ao aluno um aprofundamento e imersão do conteúdo, facilitando a construção de conhecimentos por meio de práticas interativas. Para o ensino do aluno surdo, por exemplo, é relevante o uso de métodos que considerem não somente textos, mas também representações imagéticas que corroboram para um ensino efetivo. Da mesma maneira, as crianças ouvintes se beneficiam do uso de técnicas e materiais que estimulam a produção do conhecimento. Sendo assim, a abordagem dos multiletramentos favorece tanto o ensino de estudantes surdos quanto o de

Os pensamentos freireanos referentes ao ensinar-aprender se somaram aos conhecimentos de multissemiose, transformando as práticas pedagógicas em experiências “diretivas, políticas, ideológicas, gnosiológicas, pedagógicas, estética e ética, em que a boniteza deve achar-se de mãos dadas com a decência e com a seriedade” (Freire, 2018, p. 26). Assim, fundadas nas proposições freireanas, as ações pensadas alcançaram a sua concretude tanto no planejamento como no realizar da oficina. Portanto, os arcabouços teóricos selecionados para este trabalho foram basilares para que as etapas da sequência didática alcançassem os objetivos almejados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante cada etapa da oficina, identificamos que os alunos demonstraram expressivo interesse pelos temas abordado sobre a Libras, engajando ativamente nas dinâmicas propostas pelos integrantes do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). Ao longo da realização das atividades foi possível analisar os conhecimentos prévios adquiridos pelos estudantes, os quais contribuíram significativamente para uma participação ativa e colaborativa.

Num movimento de escuta e interação ao longo de trocas de conhecimento e de experiências, buscou-se a rigorosidade científica associada aos saberes dos educandos, transformando as atividades em momentos de superação quando o senso comum a respeito da Libras se transformou em “curiosidade epistemológica”. Isto é, a curiosidade ingênuas dos estudantes foi transmutada, ao final da oficina, em criticidade acerca do conteúdo apresentado, como descreve Freire (2018) em sua teoria sobre os aprendizados: “a curiosidade ingênuas que, “desarmada”, está associada ao saber do senso comum, é a mesma curiosidade que, criticizando-se, aproximando-se de forma cada vez mais metodicamente rigorosa do objeto cognoscível, se torna curiosidade epistemológica. Muda de qualidade, mas não de essência” (2018, p. 33).





A abordagem lúdica da aprendizagem do alfabeto manual em Libras proporcionou a participação de todos os alunos tanto nas atividades teóricas quanto na execução do jogo da memória, o que justifica a relevância da aplicação dos conhecimentos de multissemiose na criação de técnicas de aprendizados, como o referido alfabeto. Após apresentar o alfabeto manual da Libras, foi instruído aos estudantes que apresentassem seus nomes, utilizando a datilologia, que consiste na soletração do nome pelo alfabeto manual. Daí vimos o quanto a realização do jogo favoreceu a interação entre os participantes, possibilitando a observação da compreensão dos estudantes com relação aos conteúdos apresentados. Como resultado esperado e alcançado, percebemos como as crianças eram capazes de diferenciar os alfabetos: o de Libras e o de Língua Portuguesa.

Essa experiência, portanto, revelou-se significativa para a formação dos licenciandos envolvidos, pois permitiu a articulação entre a teoria e a prática em ambiente escolar, além de utilizar a Língua Portuguesa como uma ferramenta para contextualização e comparação com o

ensino da Libras. Desde os primeiros movimentos de organização até a finalização, almejou-se o protagonismo do educando, aspecto importante do ensino progressista demonstrado por Paulo Freire (2018). Com base nesse referencial teórico, constatou-se que a oficina, baseada em uma metodologia contextualizada, promoveu engajamento e envolvimento de todos os participantes: pibidianos, supervisor e estudantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta oficina é a primeira atividade do Subprojeto Letras/Libras que teve o envolvimento direto dos pibidianos com os estudantes da Eseba/UFU. A sua concretude foi um exemplo genuíno da junção entre teoria e prática, tendo como princípio uma formação crítica de todos os envolvidos. A preparação prévia e dinâmica dos materiais, em especial do jogo da memória e do infográfico, revelou o quanto a presença da ludicidade foi importante para a avaliação dos temas abordados durante a oficina, oportunizando uma interação genuína e divertida entre os participantes.

A realização das atividades significou que é possível um processo de ensino-aprendizagem calcado em uma construção conjunta de saberes por meio da interação lúdica e dialógica com o outro. Nesse sentido, o mais importante foi perceber, principalmente nos



momentos dos debates, o envolvimento dos estudantes nas discussões colocadas pelo coletivo, principalmente quando as **experiências dos estudantes** eram trazidas para o centro do debate.

Ao avaliar cada etapa das atividades, pontos importantes foram discutidos pelos pibidianos e supervisora, como a questão do tempo. Segundo as ponderações feitas, em oficinas futuras, o tempo referente ao jogo de memória bilingue pode ser ampliado, oferecendo uma duração maior para esta etapa que foi muito bem-sucedida, sendo o momento bastante significativo para os alunos.

Outras questões foram avaliadas com o intuito de aperfeiçoar o processo de ensino-aprendizagem proposto. Em suma, vale ressaltar o sucesso da oficina entre os estudantes, o que resultou na decisão de repetir a oficina para outras séries do Ensino Fundamental 1 e 2, em datas futuras, oportunizando aos estudantes de toda a Eseba/UFU a participação de um contexto de aprendizagem engajado na produção de conhecimento que gera inclusão.

REFERÊNCIAS

BARROS, Manoel de. **Menino do mato.** 2^a ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

BRASIL. Decreto n° 7.611, de 11 de novembro de 2011. Dispõe sobre a educação inclusiva. Lei de diretrizes e bases da educação nacional: Capítulo V, Brasília , DF, ano 1996, n.5816, p. 45-46, mar. 2025. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/686350/lei_diretrizes_bases_educacao_nacional_8ed.pdf. Acesso em 09 set. 2025.

CAZDEN, Courtney et al. **Uma pedagogia dos multiletramentos: Desenhando futuros sociais.** Organização de Ana Elisa Ribeiro e Hércules Tolêdo Corrêa. Tradução de Adriana Alves Pinto et al. Belo Horizonte: LED, 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa.** 51^a ed. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

PEREIRA, Bianca et al. **Oficina de Libras - Libras e Língua Portuguesa: consolidando aprendizados.** 2025. Apresentação em slides. Disponível em: <https://www.canva.com/design/DAGv1Zu3Pc0/NFbKsXtOVYUvCcJY-J4EVA/edit> . Acesso em: 9 ago. 2025.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social.** São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

TikTok - Ângelo Matos. **Língua Gestual Portuguesa (LGP).** Disponível em: <<https://vm.tiktok.com/ZMA1xdDsU/>>. Acesso em: 9 ago. 2025.





TikTok - Sophie Vouzelaud. **Língua de Sinais Francesa (LSF)**. Disponível em: <<https://vm.tiktok.com/ZMA1xSBge/>>. Acesso em: 9 ago. 2025.

X Encontro Nacional das Licenciaturas
IX Seminário Nacional do PIBID

TikTok - Sign Language 101. **Língua de Sinais Americana (ASL)**. Disponível em: <<https://vm.tiktok.com/ZMA1xHTGn/>>. Acesso em: 9 ago. 2025.

TikTok - Coreano Online. **Língua de Sinais Coreana (KSL)**. Disponível em: <<https://vm.tiktok.com/ZMA1xvGBF/>>. Acesso em: 9 ago. 2025.

TikTok - Newcastle University. **Língua de Sinais Britânica (BSL)**. Disponível em: <<https://vm.tiktok.com/ZMA1xbSyD/>>. Acesso em: 9 ago. 2025.

TikTok - 123 Japonês. **Língua de Sinais Japonesa (JSL)**. Disponível em: <<https://vm.tiktok.com/ZMA1xKRQR/>>. Acesso em: 9 ago. 2025.

